

Antonio Parreiras: entre a literatura e a história nos livros didáticos

Telma Cristina Moskën

Núcleo de Ação Educativa

Pinacoteca do Estado de São Paulo

Este texto¹ busca apresentar *Fim de romance*, 1912, de Antonio Parreiras, e compará-la com o período romântico da literatura brasileira a partir da análise dessa pintura que atualmente faz parte da exposição *Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo*.

Fim de romance foi exposta pela primeira vez em São Paulo em 1913, na 2ª Exposição de Belas-Artes, realizada no Liceu de Artes e Ofícios – que, à época, funcionava junto com a Pinacoteca do Estado de São Paulo. A obra ficou então sob a guarda do recém-criado museu e, em 11 de novembro de 1915, foi incorporada ao acervo, transferida do Gabinete do Secretário do Interior, órgão ligado ao Governo.

Apesar de profunda pesquisa em periódicos, autobiografia, documentos pessoais sob a guarda do Museu Antonio Parreiras, bem como todos os documentos emitidos pela Secretaria do Interior depositados no Arquivo Público do Estado de São Paulo, nada foi encontrado sobre o tema da obra, forma de aquisição, e onde se havia sido exposta anteriormente.

No período em que esteve na 2ª Exposição Brasileira de Belas-Artes, entre 12 de janeiro e 15 de fevereiro de 1913, foi objeto de duas críticas da imprensa local: a primeira, em 26 de janeiro de 1913, no jornal *Correio Paulistano*, e a

¹ Baseado na dissertação em museologia “Novas perspectivas de ação educativa: proposta de mediação para uma pintura de Antonio Parreiras”, defendida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, Portugal, em 2012.

segunda, no dia 12 de fevereiro do mesmo ano, em *O Estado de S. Paulo*. Os comentários estão relacionados à descrição da obra, sua técnica e indagação a respeito de se a cena refere-se a um suicídio ou assassinato:

“[...] Antonio Parreiras, outro nome assaz aplaudido e assaz bafejado pela crítica, exhibe apenas uma tela de vulto, *Fim de romance*, que muitos elogiarão incondicionalmente, mas na qual é preciso notar o céu perpendicular, um dos olhos roxos do suicida (?) a contrastar com o rubro nariz e com o sangue ainda mal coagulado, que escapa da cabeça varada pela bala, o que, não obstante, atrai já um bando de corvos famintos, que se aproximam no espaço.”²

Ou

“[...] para nos postarmos diante da tela *Fim de romance*. Aí temos o seguinte: em uma vasta planura, de leves ondulações, atapetada por um verde-claro, tocado de amarelo- esbranquiçado um caminho transpassa, areento, em curvas brandas. No primeiro trainel dessa estrada e no plano central, jaz de costas o corpo inanimado de um cavaleiro, os membros em cruz, empenhando ainda uma garrucha, com as pálpebras cerradas e violáceas, o rosto com máculas cadavéricas, e o filete de sangue rubro que, escorrendo de uma das fontes se espalha e empasta sobre o solo do caminho. Ao lado, o cavalo com arreios de montaria, fareja o corpo do cavaleiro. O céu está carregado de nuvens com reflexos amarelentos; uma brisa ligeira agita a cauda e as crinas do animal: surgem ao longe algumas negras aves de rapina. *Fim de romance*, intitula o autor este quadro de tragédia; ele o teria visto ou inventado. Olhando este corpo morto, ao lado do animal surpreso e inquieto, inquiriremos nós se se trata de um suicídio ou de um assassinato, e qual outro poderia ter sido romance que produziu tétrico epílogo.”³

² Exposição de Bellas-Artes. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 jan. 1913, p. 1, edição 17.784.

³ A Segunda Exposição Brasileira de Bellas Artes. Notas de Crítica. *O Estado de S. Paulo*, 12 fev. 1913, p.4, edição 12.474.

Em 1952, a Pinacoteca implanta um projeto que funcionaria até 1972, denominado Pinacoteca Circulante, que exibia uma seleção de obras significativas do acervo em clubes, salões paroquiais e escolas em cidades do interior paulista. A obra *Fim de romance* participa em algumas das mostras e, em 1961, o então diretor do museu Túlio Mugnaini faz a seguinte afirmação no catálogo da *Exposição circulante de Ribeirão Preto*: “*Fim de romance*, de Antonio Parreiras. Belo quadro, tendo sido inspirado, pelo que parece, num conhecido romance de Taunay”.⁴ Mas qual seria o romance?

Ao que tudo indica, trata-se de *Inocência*, pois há semelhanças da pintura com o romance, em seu capítulo XXX, denominado “Desenlace”. A história é narrada a partir das lembranças e impressões do autor com relação à realidade natural e sociocultural do sertão, uma vez que se inscreve fiel e objetivamente na confluência dos estados de Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais e Goiás; a estrutura do romance analisa e apresenta, por sua vez, os valores e comportamentos de um grupo social definido: o sertanejo pequeno proprietário.

Inocência era filha do viúvo Pereira e morava em um sítio. Era noiva de Manecão quando se apaixonou por Cirino, curandeiro ambulante que se fazia passar por médico e andava pela região. O pai de Inocência hospedava este e Meyer, um naturalista alemão também em viagem pela região. No sítio, morava ainda o anão Tico, que, por amar Inocência, se tomava por zeloso vigilante do bem-estar da moça. O romance entre Inocência e Cirino veio à tona; o pai da moça, porém, não admitia que a filha sequer pensasse em romper o noivado. O noivo, por sua vez, ao tomar ciência da situação, buscou vingança ao assassinar Cirino.

⁴ Alfredo d'Escagnolle Taunay, conhecido como Visconde de Taunay (Rio de Janeiro 1843-1899), era filho do pintor Félix Emílio Taunay. Foi escritor, músico, artista plástico, professor, engenheiro militar, político, historiador e sociólogo brasileiro. A obra *Inocência*, publicada em 1872 e relacionada à última fase do romantismo no Brasil, é considerada pelos críticos como seu melhor livro.

Em 1976, a obra foi escolhida para participar do projeto da Pinacoteca Destaque do Mês, no qual uma obra do acervo era exposta no saguão principal, com a biografia do autor e texto técnico do diretor, à época, Aracy Amaral. Na década de 1980, foi realizado na Pinacoteca o Projeto Releitura, que convidava artistas contemporâneos a escolher uma obra do acervo do museu a fim de criarem uma releitura. O artista Waldomiro de Deus (1944) escolheu a pintura de Parreiras, realizando um tríptico denominado: *Violência, ontem, hoje e amanhã*, também pertencente à coleção do museu.

Em 2005, a obra *Fim de romance* emprestou seu nome à exposição da artista alemã Christine Meisner (1970) e do artista francês Olivier Menanteau (1956), realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães de Recife e no Musée des Beaux-Arts de Nantes, na França. Em 2009, o poeta gaúcho Marcelo Wallau (1988) compôs uma poesia chamada “Fim de romance”, inspirada na obra:

Foi numa estrada deserta
Num fim de dia nublado,
Viu-se um cavalo encilhado
Nenhum ginete por perto.
Bem aperado pra lida
Parado feito estátua
Quem de longe enxergava
A cena não entendia

Mas quem se aproximava
Sentia o cheiro de sangue
E via no mesmo instante
Que a cena não acabava.
Um par de botas estendido
E o cavalo de rédeas soltas
Tinha a cabeça baixa
Cheirando um vulto no chão

A garrucha desramada

Num último rastro de pólvora
E o seu destino comprova
Que a vida não vale nada
Por causa de amor
Se findou pra um a estrada
A camisa agora encarnada
Também mancha o corredor

E o colorado, pobre parceiro
Como velando um amigo
Parado, sem entender o sentido
Deste fim por sofrimento
Parecia não creer
No que via a sua frente
Como esperar que o ginete
Ainda voltasse a viver

O que deixara no rancho
Além de ausência e saudade
E a erva azeda de um mate
Que deixara antes de ir?
O pelego que curtira
Para ela de regado
Junto de um ramo de flores
E de um violão calado

E por um amor esquecido
Ou falta de um bem querer
Um gaúcho decide morrer
Por um fim sem sentido
Fora a última encilhada
Pra ver a prenda domingo
Por um romance perdido
Foi o fim da sua estrada.

As obras de Parreiras nos livros didáticos

Com relação a obras baseadas em textos literários podem ser citados alguns exemplos, como *Iracema*, de 1909, pertencente ao Museu de Arte de São Paulo, inspirada pela obra homônima de José de Alencar, escrita em 1865, e *Morte de Virgínia*, realizada em 1905 e pertencente ao Museu do Estado do Pará, inspirada na obra *Paul et Virginie* [Paulo e Virgínia], do escritor e botânico francês Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), escrita em 1787.

Vale destacar que Antonio Parreiras não é mencionado em livros didáticos da disciplina de educação artística. Todavia, suas obras são utilizadas nas disciplinas de história e de literatura como *Iracema*⁵ e *Fim de romance*, que são recorrentemente utilizadas para ilustrar os amores trágicos do romantismo na literatura brasileira.

Em apenas duas ocasiões o artista fez ilustrações para livros. A primeira, em 1897, para *Plectros*, obra da poetisa Ibrantina Cardona (1868-1956), editada em São Paulo, e, em 1911, para o livro *Littérature Brésilienne*, de Victor Orban (1868-1946), publicado em Lisboa e em Paris. Mas é nos livros didáticos de história que a obra de Antonio Parreiras é mais representativa.

Ao longo de sua carreira, o artista recebeu encomendas de órgãos oficiais para realizar pinturas que retratassem fatos históricos de diversos estados do Brasil, como Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pará e Amazonas, o que exigiu inúmeras viagens. Entre estudos e obras de pinturas históricas foram realizados mais de oitenta trabalhos.

Algumas dessas obras são dedicadas à fundação das cidades como a

⁵ Pertencente ao acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – Masp

Fundação de São Paulo, realizada em 1913, que ilustra a missa campal rezada pelo padre Manoel de Paiva em 25 de janeiro de 1554, e que se encontra atualmente no Salão Nobre da Assembleia Legislativa.

A *Morte de Estácio de Sá*, realizada em 1911, pertencente ao Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, retrata o capitão em sua cabana de pau a pique, depois de ser ferido no rosto por uma flecha envenenada, após lutar contra os ataques franceses e seus aliados índios tamoios, cena ocorrida em 20 de janeiro de 1567. A pintura *Beckmann refugiado nos sertões do Alto Mearim*, realizada em 1936 e pertencente ao Museu Antonio Parreiras, retrata a rebelião ocorrida em 1684, como uma reação de proprietários rurais do Maranhão aos abusos cometidos pela Companhia de Comércio do Maranhão, instalada na região dois anos antes, em 1682, por ordem do governo português. Na cena, Manuel Beckman, líder do movimento, procura asilo nas matas de sua propriedade antes de ser condenado à morte pela força.

Encomendada pelo Governo de Minas Gerais, e realizada em 1923, a obra *O julgamento de Filipe dos Santos* reconstitui um movimento nativista precursor da Inconfidência Mineira ocorrido em 1720 em Vila Rica contra a exploração colonial, obra que pertenceu à Coleção da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em Belo Horizonte, incendiada em 1959. *Prisão de Tiradentes*, de 1914, pertencente ao Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, reconstitui a cena ocorrida em 10 de maio de 1769.

Proclamação da República de Piratini, de 1914, pertence ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Tal obra traz à tona os episódios que, em 1835, desencadearam a Revolução Farroupilha, que manifestava o descontentamento da Província de São Pedro do Rio Grande, a mais meridional do Império, com o governo regencial do Império do Brasil. *Julgamento de Frei Miguelinho*, de 1918, retrata o herói mártir potiguar da Revolução Pernambucana de 1817, no momento em que é condenado à morte. A pintura pertence à Coleção do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, sediada em Natal. *Zumbi*, de 1927, da Coleção do Museu Antonio Parreiras, é a obra que mais aparece nos

livros didáticos, e que retrata o líder escravo alagoano, símbolo da resistência negra contra a escravidão, tendo sido o último chefe da comunidade autossustentável, formada por escravos negros que haviam escapado das fazendas, prisões e senzalas brasileiras, denominada Quilombo dos Palmares.

Cabe aos museus e aos órgãos públicos tornar acessível, difundir, ampliar e salvaguardar a extensa produção de Parreiras na busca de ser um instrumento de educação, de desenvolvimento social, de fortalecimento de identidade e exercício de cidadania.

Bibliografia consultada

- ARAÚJO, Marcelo Matos, CAMARGOS, Marcia. [orgs]. (2007). *Pinacoteca: a história da Pinacoteca do Estado de São Paulo*. São Paulo: Artemeios.
- ÁVILA JÚNIOR, Jefferson. (1955). *Quadros Históricos de Antonio Parreiras*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica.
- FARACO, Carlos Emilio, MOURA, Francisco Marto. (1995). *Língua e literatura*. Vol. 2. São Paulo: Ática.
- FERREIRA, Marina. *Português: literatura, redação, gramática*. (2004). São Paulo: Atual.
- LEVY, Carlos Roberto Maciel. (1981). *Antonio Parreiras 1860 – 1937: pintor de paisagem, gênero e história*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.
- MARQUES, Ademar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo (1996). *Brasil: história em construção*. Volume 3. Belo Horizonte: Lê.
- MÖSKEN, Telma Cristina. *Novas perspectivas de ação educativa: Proposta de mediação para uma pintura de Antonio Parreiras*. (2011). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- MOTA, Myrian. (1997). *História: das cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna.
- PARREIRAS, Antônio. (1999). *História de um pintor contada por ele mesmo*. Niterói: Niterói Livros.
- SALGUEIRO, Valéria. (2000). *Antonio Parreiras: notas e críticas, discursos e contos: coletânea de textos de um pintor paisagista*. Niterói: EDUFF.
- VICENTINO, Claudio. (1995). *História integrada: os séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Scipione.